

# EL CIELO POR ASALTO

*Mas, aí então, o grupo berrou também [...], como se houvesse ensaiado e aquilo fosse o coro de moderna tragédia grega transformada em coisa real, com gente fardada e armada encurralada na rua por civis desarmados, homens e mulheres sem nada nas mãos, a não ser as faixas.*

**Flávio Tavares, 1961: o golpe derrotado**

A cena onde civis desarmados encurralam “gente fardada e armada” soa, a essa altura, como uma espécie de lenda revolucionária – mais próxima da tragédia grega do que do centro de Porto Alegre; onde, de fato, ocorreu em meados de 1961. A ingloria renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto daquele ano, instaurou uma crise no governo brasileiro. A cúpula das Forças Armadas decidiu obstar a posse do vice-presidente eleito Jango Goulart, que era o sucessor constitucional de Jânio, mas estava em viagem diplomática à China durante o imbróglio. Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, armou (simbólica e literalmente), desde o Palácio Piratini, a resistência em prol da presidência de Jango. Por se tratar do caminho previsto pela lei, batizou-se a campanha/movimento de Legalidade.

Os treze dias seguintes passaram quase que imediatamente das páginas de jornal às páginas da história. A começar pela Rádio da Legalidade, que orquestrava as mobilizações populares estado e país afora; passando pelas brizoletas, que substituíram as notas oficiais cuja circulação foi estancada em represália à campanha; e com especial destaque ao 3º Exército (atual Comando Militar do Sul), que, logo depois do episódio narrado na epígrafe, aderiu à Legalidade contrapondo-se às ordens que vinham de cima. No segundo dia de setembro de 1961, Jango foi recebido em Porto Alegre por uma multidão que já há dias habitava a Praça da Matriz. Ele vinha de Montevidéu e foi, em seguida, para Brasília, onde assumiu a presidência em 7 de setembro, mas sob o controle de um regime semi-parlamentarista.

Extinguiu-se o semi-parlamentarismo, via plebiscito, no final de 1963. Poucos meses depois, em abril de 1964, houve uma nova tentativa de destituição de Jango – esta, embora igualmente ilegal, foi bem sucedida; ato inaugural da ditadura civil-militar que dominou o país por mais de duas décadas. Goulart retornou ao Uruguai, Brizola também, cumprindo um longo exílio, do qual só pôde retornar em 1979. Se a memória a respeito do período entre os anos de 1964 e 1985 segue acalentando controvérsias, aquela sobre a Campanha da Legalidade parece relativamente pacífica, ainda que, muitas vezes, pouco contundente. Evocar a Legalidade é evocar a potência das mobilizações políticas, revolucionárias e populares; sua (nossa) capacidade de deslocar presentes, passados e futuros.

EL CIELO POR ASALTO explora, assim, o acervo do MACRS tomando como motor poético/político o Movimento da Legalidade. A exposição se desdobra em quatro núcleos que tensionam, entre si e no conjunto, as possibilidades estratégicas e simbólicas da arte e da documentação histórica. O primeiro deles agrupa obras de alguns dos artistas que participaram diretamente da campanha através do Teatro de Equipe – Xico Stockinger, Regina Silveira, Vasco Prado e Zoravia Bettiol. O segundo núcleo propõe reflexões sobre as ditaduras civis-militares impostas pouco depois de 1961 na América Latina. No terceiro, abordam-se as impermanências das disputas e dos traumas políticos dos anos 1960–1980 na atualidade do Brasil. Por fim, o quarto núcleo é composto por documentos levantados em arquivos estaduais, com destaque para o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, os acervos do Palácio Piratini e o o Acervo da Luta contra a Ditadura do Arquivo Histórico do RS.

Empresta-se o título de panfletos históricos difundidos por movimentos políticos em países latino-americanos. Ele remete à ideia, tão simples quanto insólita, de que o céu não se toma por empréstimo, mas por assalto.

**Juliana Proença**  
Curadora

APOIO DA EXPOSIÇÃO

MAISON 1750  
Forester  
LEGADO

AHRS  
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

MUSEU DA  
COMUNICAÇÃO  
HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA

CASA  
DE CULTURA  
MARIO  
QUINTANA

MACRS  
Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul

REALIZAÇÃO

MACRS  
Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA